



A incorporação de Virgílio por Columela e Paládio

The Incorporation of Virgil by Columella and Palladius

Matheus Trevizam

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais/Brasil
mattrevi2017@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-1744-3380>

Resumo: Este artigo tem o objetivo de determinar como as *Geórgicas* de Virgílio, com seus aspectos de forma e conteúdo, repercutiram na literatura técnica da Antiguidade. Para isso, tomamos como parte do *corpus* os tratados de Columela (*De re rustica*, séc. I d.C.) e de Paládio (*Opus agriculturae*, séc. V-VI d.C.), tentando identificar passagens ou livros inteiros nos quais o legado das *Geórgicas* é perceptível. Assim, segundo uma abordagem comparativa, pôde-se constatar que, embora a obra de Virgílio tenha sido muito mais citada por Columela, também marca presença no tratado de Paládio, que “olha para ele”, no *Carmen de insitionibus*, por intermédio do *De re rustica* de Columela.

Palavras-chave: literatura técnica; poesia didática; citação; modelo.

Abstract: In this article, our aim is to determine how Virgil's *Georgics*, with its aspects of form and content, had an impact on the technical literature of Antiquity. For this purpose, we took as part of the *corpus* the treatises of Columella (*De re rustica*, 1st century AD) and Palladius (*Opus agriculturae*, 5th-6th century AD), trying to identify passages or entire books in which the legacy of the *Georgics* is evident. Thus, following a comparative approach, it could be realized that, although this work of Virgil was much more cited by Columella, it is also present in the treatise of Palladius, which even “looks at him”, in his *Carmen de insitionibus*, through Columella's *De re rustica*.

Keywords: technical literature; didactic poetry; quotation; model.

Introdução

Quando se pensa na literatura técnica antiga, é preciso evitar preconceitos e visões que, atinentes à nossa época, não se prestam a uma apreciação mais acurada daquele legado. Referimo-nos, especificamente, ao fato de os textos da Antiguidade que se voltaram à veiculação de saberes especializados terem podido realizar-se sob formas muito *variadas e fluidas*, ao longo de séculos de prática compositiva. Além disso, o cuidado com a informação técnica e a valorização dos recursos expressivos dos textos não se excluíam necessária e mutuamente, pelo entendimento dos antigos (PERUTELLI, 2010, p.293-294).

Tomando como foco o âmbito agrário da literatura técnica greco-romana, o manual, o diálogo, a poesia didática, a “enciclopédia” e o tratado corresponderam aos principais meios genérico-formais para abordar esse tipo de conteúdo. Dessa maneira, em âmbito romano, a prática literária em prosa já se abre com o *De agri cultura*, de Catão, o Velho (séc. III-II a.C.), simples manual em que são compilados muitos preceitos em nexos com a vida e as práticas rurais, sobretudo no tocante à oleicultura e à viticultura (TREVIZAM 2014, p.79-80). Faltam a essa obra maior rigor na disposição dos capítulos e *uariatio* expressiva, mas partes como o próêmio e algumas preces aos deuses atestam, nela, a mescla de traços estilísticos mais elevados (PALMER, 1988, p.123).

Ao tratarmos de um produto escrito algo mais acabado que as rudes lições catonianas, lembramos dos três diálogos *rerum rusticarum*, de Marco Terêncio Varrão (séc. I a.C.), nos quais as convenções desse gênero, em sua vertente “aristotélica” (LAURENTI, 1987, p.52), são enriquecidas inclusive por traços cômicos (TREVIZAM, 2013, p.93 *et seq.*), como a onomástica expressiva das personagens- chamadas *Fundanius*, *Agrasius*, *Equiculus*, *Merula* etc. em uma obra revestida de teor e ambiência agropecuária¹ e os abundantes jogos de palavras (VARRÃO, *De re rustica* III, 17, 5 etc.). No primeiro caso, tais personagens se apresentam como portadoras do que a crítica convencionou chamar *speaking names* / “nomes falantes”, ou seja, cheios de significados ao revelarem características marcantes de seus donos (KANAVOU, 2010, p.4 *et seq.*).

¹ A palavra *fundus* designa a “propriedade rural” em latim, assim como *ager* é o “campo de cultivo” nessa língua; por sua vez, *equus* significa “cavalo” e *merula* o “melro”, tipo de ave por vezes criada pelos romanos antigos.

No mesmo século de Varrão, o poeta Virgílio, sabemos, compôs suas *Geórgicas* em quatro livros (29 a.C.), amiúde recorrendo a esse antecessor- mas não só a ele- para embasar-se tecnicamente a respeito de plantas e animais:

Virgílio usou-o [o *De re rustica* varroniano] como fonte de informação sobre vários assuntos: no tratamento dos tipos de solo, para o gado e, particularmente, para as abelhas. E a prece que abre o poema, paralela, embora muito diferente, à prece de abertura do próprio Varrão, funciona em parte como um reconhecimento da dívida de Virgílio (1.1-42n.). (THOMAS, 1994, p. 11, trad. nossa).²

Ainda, embora as *Geórgicas* sejam mais seletivas e menos aprofundadas em seus conteúdos que o *De re rustica* de Varrão, esse elaboradíssimo poema didático³ não deixou de ser visto, em alguma medida, como fonte de saberes técnicos por autores subsequentes, conforme discutiremos em seguida.

Entre esses autores, citamos Plínio, o Velho, falecido em 79 d.C. e escritor de uma monumental *Naturalis Historia* com trinta e sete volumes, cuja elaboração foi acabada por volta de 77 d.C. Nessa obra de alcance enciclopédico, com cobertura a tópicos- depois das generalidades da parte inicial (livro I)- como a astronomia (livro II), a geografia e a etnografia (livros III a VI), a antropologia (livro VII), a zoologia (livros VIII a XI), a botânica (livros XII a XIX), a farmacologia (livros XX a XXXII), os metais (livros XXXIII e XXXIV), a pintura e

² Thomas, 1994, p. 11, trad. nossa: “Virgil used it as a source of information on a number of subjects: in the treatment of soil types, on livestock, and particularly on the bees. And the prayer which opens the poem, parallel to, although very different from, Varro’s own opening prayer, partly functions as an acknowledgement of Virgil’s debt (1.1-42n.)”.

³ Na opinião do filósofo Lúcio Aneu Sêneca (*Epistulae* LXXXVI, 15- *apud* DOODY, 2007, p. 189, trad. nossa), com efeito, a face poética das *Geórgicas*, rica em erudição e efeitos expressivos, ultrapassaria em muito sua face prática e informativa: *Vt ait Vergilius noster, qui non quid uerissime, sed quid decentissime diceretur aspexit. Nec agricolas docere uoluit, sed legentes delectare.*- “Como diz nosso Virgílio, que não olhou o que dizer do modo mais verdadeiro, mas do modo mais apto. Nem quis ensinar a agricultores, mas agradar a quem o lesse”.

as pedras (livros XXXV a XXXVII), encontramos livros de comentário sobre procedimentos agrícolas. Esse é o caso daqueles de número XVII e XVIII, que tratam respectivamente da arboricultura e dos cereais, ou leguminosas (AGUILAR, 2006, p. 259).

Também um “agrônomo” de Cádiz, Lúcio Júnio Moderato Columela (4-70 d.C.), tivera no Virgílio das *Geórgicas* uma referência para a escrita de seu *De re rustica*: em tal caso, isso se fez não apenas porque recorrera com alguma frequência à autoridade do poeta a fim de embasar tecnicamente suas posições ao longo do tratado, mas ainda porque, no livro X, a forma comunicativa escolhida foi a de um poema didático. Desse modo, a variação e fluidez genérico-formal dos escritos técnicos antigos, a que temos aludido desde o início, foram acolhidas por Columela no bojo mesmo de seu tratado, assim evidenciando que sequer o mais profundo escritor romano de assunto rústicos (AGUILAR, 2006, p. 258) desdenhou as lições de um poeta. *Mutatis mutandis*, algo análogo se passou com Rútílio Tauro Emiliano Paládio, autor de um *Opus agriculturae* e epígono de Columela na passagem do séc. IV para o V d.C.

Na sequência deste artigo, buscaremos apontar de que formas as *Geórgicas* foram incorporadas às respectivas tramas do *De re rustica* columeliano e do *Opus agriculturae* há pouco referido. Seguindo esse percurso, estaremos em condições de diferenciar, por amostragem mínima, os diferentes procedimentos de incorporação de Virgílio geórgico por dois importantes⁴ escritores *rerum rusticarum* romanos.

⁴ A obra de Paládio, especificamente, destaca-se, além de pela originalidade na disposição dos conteúdos (sob a forma de um calendário anual), pela vasta difusão de fins da Antiguidade em diante. Veja-se Armendáriz (1995, p. 65-66, trad. nossa): “El éxito medieval de Paladio, cuyo *Opus agriculturae* está estructurado como calendario agrícola de cómoda consulta, es indiscutible. Por cierto que el esquema del *calendarium rusticum* se encuentra ya en Columela, en el variado libro XI, pero fue mérito de Paladio- quien, por otro lado, tanto debe al gaditano- aplicar ese esquema a la obra entera, adoptando además un estilo y una selección de contenidos más acorde con su público”.- “O sucesso medieval de Paládio, cujo *Opus agriculturae* se estrutura como um calendário agrícola de fácil consulta, é indiscutível. Aliás, o esquema do *calendarium rusticum* já está em Columela, no variado livro XI, mas foi mérito de Paládio- que, por outro lado, deve tanto ao de Cádiz- aplicar esse esquema à obra inteira, adotando também um estilo e uma seleção de conteúdos mais afins a seu público”.

1 A incorporação de Virgílio em Columela

1.1 Questões gerais

Referindo-nos a Columela, na verdade nos pronunciamos sobre um escritor de cuja trajetória vital se conhecem poucos detalhes, sendo eles, quase sempre, oriundos das linhas de sua obra. O “agrônomo”, assim, teria nascido na *Gades* romana em princípios da Era cristã, como se entrevê em *De re rustica* VIII, 16, 2 e X, 185. Ele deveu, ainda, sua iniciação nos saberes rústicos a um tio- Marco Columela (*De re rustica* V, 5, 15)- e, em data incerta, mudou-se para Roma,

sem que saibamos sua ocupação na Cidade. Mas sabemos que, antes de escrever seu tratado em idade madura, viajou pelo Oriente (Síria e Cilícia, onde observou a sementeira do gergelim: 2, 10, 18), talvez como comandante superior do exército romano; isso é, pelo menos, sugerido pela inscrição encontrada em Tarento- agora desaparecida-, que se encaixa bem nas circunstâncias de nosso escritor. Em Roma, embora provavelmente não tenha seguido uma carreira política ou administrativa, sem dúvida se associou aos círculos sociais mais elevados. A primeira frase do seu tratado- *Saepenumero ciuitatis nostrae principes audio culpantes...*- já nos situa nesse ambiente, que é desde logo o de seus conterrâneos e amigos, o filósofo Sêneca ou Júnio Galião, irmão dele, a quem menciona com afetuosa familiaridade. De resto, fica claro por seus escritos que teve de devotar muito do seu tempo e o melhor das suas energias à exploração das suas propriedades agrícolas, mais ou menos afastadas de Roma: no entorno de Árdea, Carsioli ou Alba (três locais no Lácio). (ARMENDÁRIZ, 1995, p. 25-26, trad. nossa).⁵

⁵ Armendáriz, 1995, p. 25-26, trad. nossa: “... sin que conozcamos su ocupación en la Urbe. Si sabemos que, antes de redactar su tratado en edad madura, viajó por Oriente (Siria y Cilicia donde observó la siembra del sésamo: 2, 10, 18) quizá como mando superior del ejército romano; así lo sugiere al menos la inscripción encontrada en Tarento- hoy desaparecida- que encaja bien con las circunstancias de nuestro escritor. En Roma, aunque probablemente no se dedicara a la carrera política o administrativa, estuvo sin duda relacionado con los círculos sociales más elevados. La primera frase

Também se atribui a ele a autoria de um pequeno tratado, o *De arboribus*, que complementa a obra de grande fôlego constituída pelos doze livros do *De re rustica*; Armendáriz (1995, p. 26, trad. nossa), ademais, relembra o testemunho columeliano (*De re rustica* XI, 1, 31) segundo o qual ele teria composto um opúsculo “*aduersus astrologos*, com a finalidade de refutar a crença no absoluto influxo dos astros sobre o clima”,⁶ além de sua “intenção de escrever acerca das cerimônias *quae pro frugibus fiunt*” (II, 23-5-6) (ARMENDÁRIZ, 1995, p. 26, trad. nossa).⁷

Especificamente sobre o *De re rustica*, seus conteúdos básicos recobrem, depois de questões gerais (livro I), a cerealicultura (livro II), as vinhas e pomares (livro III), mais detalhes em nexos com as vinhas (livro IV), a arboricultura (livro V), a criação de animais de manadas (livro VI), de rebanho (livro VII) e de granja (livro VIII), a apicultura (livro IX), os hortos (livro X), os deveres do *uilicus* “administrador” das terras (livro XI) e aqueles da *uilica*, sua companheira (livro XII).

Mesmo nos livros em prosa- com especial destaque para a elaboração linguística dos proêmios-, nota-se que esse tratado não é desprovido de pretensões literárias, as quais remetem, em certo sentido, a traços compositivos ciceronianos. Entre esses traços, poderíamos citar a busca da *uariatio* nos âmbitos sintático e lexical, “o gosto pela disposição simétrica, ou mediante correlações, dos membros da frase ou do período” (ARMENDÁRIZ, 1995, p. 32, trad. nossa)⁸ a obediência aos princípios da prosa métrica etc. Seja no tocante ao aspecto da elocução e estilo, seja

de su tratado- *Saepenumero ciuitatis nostrae principes audio culpantes...*- nos sitúa ya en ese ambiente, que es desde luego el de sus paisanos y amigos Séneca el filósofo o Junio Galión, hermano de éste, a quienes nombra con afectuosa familiaridad. Por lo demás, está claro a la vista de sus escritos que hubo de dedicar gran parte de su tiempo y lo mejor de sus energías a la explotación de sus posesiones agrícolas, más o menos alejadas de Roma: en los alrededores de Ardea, Carsioli o Alba (tres lugares del Lacio)”.

⁶ Armendáriz, 1995, p. 26, trad. nossa: “... *aduersus astrologos* con el fin de refutar la creencia en el absoluto influjo de los astros en el clima”.

⁷ Armendáriz, 1995, p. 26, trad. nossa: “... intención de escribir acerca de las ceremonias *quae pro frugibus fiunt*”.

⁸ Armendáriz, 1995, p. 32, trad. nossa: “... el gusto por la disposición simétrica, o mediante correlaciones, de los miembros de la frase o del período”.

em relação à própria construção argumentativa (ANDRÉ, 1989, p. 255 *et seq.*), têm-se apontado elos entre esse tratado de Columela e a oratória.

1.1.1 Columela e Virgílio

Não sendo o poeta das *Geórgicas* a única fonte técnica de Columela,⁹ ele todavia se destaca como uma das mais empregadas pelo “agrônomo”, com mais de trinta menções diretas ou indiretas ao seu nome (ARMENDÁRIZ, 1995, p. 31). Semelhante relevo, conforme destaca um artigo de Doody (2007, p. 180 *et seq.*), demonstra-nos que a forma poética de transmissão de preceitos agrários por Virgílio não constituiu empecilho, na Antiguidade, para a leitura das *Geórgicas* à maneira de um texto veiculador de saberes técnicos afins aos de autores como Paládio, Columela e outros.

Esse último, na verdade, sem dar em tudo sua anuência às visões de Virgílio geórgico sobre o campo, não só o cita muito, mas ainda, em contraste com Plínio de *Naturalis Historia*, evita servir-se de seus senões como “degraus” para ascender mais diante da confiança dos leitores (DOODY, 2007, p. 183). Exemplificando brevemente tal postura pliniana, lembramos que ele “repreende” Virgílio pelo fato, nas *Geórgicas*, de mencionar apenas quinze tipos de vinhas, três de oliveiras e três de pereiras, em contraste com a maior extensão de suas listas nesses mesmos âmbitos (*Naturalis Historia* XIV, 7).

Em contrapartida, Columela, que não tem em Virgílio um escritor de assuntos rústicos afinado com “modismos”- antes o vendo como um representante de correntes já assentadas do pensamento “agronômico” romano-, em geral declina da mesma animosidade de Plínio em suas apreciações sobre esse antecessor técnico:

Columela muda uma palavra no verso de Virgílio: *laetior* para *grandior*- um pequeno erro que Mynors assume ser “um lapsos de memória” e Saint-Denis diz não mudar o

9 Conte, 1999, p. 389, trad. nossa: “The sources are the usual ones, the Greek and Latin writers on agriculture, from Xenophon to Cato and Varro, and echoes of Virgil, even in the prose parts, are far from rare. But the author’s personal experience dominates”.- “As fontes são as usuais, os escritores gregos e latinos sobre agricultura, de Xenofonte a Catão e Varrão, e os ecos de Virgílio, mesmo nas partes em prosa, estão longe de ser raros. Mas a experiência pessoal do autor domina”.

sentido do verso. Mas é precisamente essa palavra que causa a irritação de Plínio quando diz *sic etiam grandescere promittit*. A ligeira mudança de Columela no verso, seja conscientemente ou não, remove a palavra que fazia Plínio cético. Columela concorda com a prescrição geral de *amurca* e *nitrum* e a atesta com sua experiência pessoal e a autoridade dos *prisci rustici*, com os quais coloca Virgílio. Quando Plínio insinua que Virgílio está sendo original e ultrapassando os limites, Columela o restabelece na prática tradicional do campo. (DOODY, 2007, p. 188, trad. nossa).¹⁰

Um artigo de Cossarini (1977, p. 229, trad. nossa), por sua vez, harmoniza-se com o essencial das ideias de Doody (2007), reconhecendo que Columela teria, provavelmente, visto em Virgílio um “técnico agrícola seguramente válido e, ao mesmo tempo, um grande poeta, o poeta por excelência”.¹¹ Contudo, o estudioso italiano também demonstra que a valorização do poeta por esse “agrônomo” ultrapassa o simples lado técnico: assim, Columela (1) ora “atribui aos versos de Virgílio um significado universal que não têm no contexto” (COSSARINI, 1977, p. 234-235, trad. nossa);¹² (2) ora “sintetiza o texto virgiliano com ousados cortes e aproximações, para acentuar a força expressiva do próprio texto” (COSSARINI, 1977, p. 235, trad. nossa);¹³ (3) ora “acolhe, enfim, o texto

¹⁰ Doody, 1995, p. 188, trad. nossa: “Columella changes one word in Vergil’s line: *laetior* for *grandior*- a small mistake that Mynors assumes is ‘a slip of the memory’ and Saint-Denis says does not change the sense of the line. But it is precisely that one word that draws Pliny’s irritation when he says *sic etiam grandescere promittit*. Columella’s slight change to the line, whether consciously or not, removes the word that made Pliny skeptical. Columella agrees with the general prescription of *amurca* and *nitrum* and vouches for it with his personal experience and with the authority of the *prisci rustici*, with whom he places Virgil. Where Pliny insinuates that Virgil is being original and overstepping the mark, Columella writes him back into traditional country practice”.

¹¹ Cossarini, 1977, p. 229, trad. nossa: “... tecnico agricolo sicuramente valido, ed al tempo stesso un grande poeta, il poeta per eccellenza”.

¹² Cossarini, 1977, p. 234-235, trad. nossa: “... attribuisce ai versi di Virgilio un significato universale che nel contesto non hanno”.

¹³ Cossarini, 1977, p. 235, trad. nossa: “... sintetizza il testo virgiliano con arditi tagli ed accostamenti per accentuarne la forza espressiva in funzione del proprio testo”.

em sua integridade formal e de significado, para elevar o tom da página” (COSSARINI, 1977, p. 235, trad nossa).¹⁴

A partir do mesmo Cossarini (1977), podemos dar como exemplos de tais empregos “outros” do legado de Virgílio, ao longo do tratado columeliano, (1) a citação de certa passagem originalmente contida em *Geórgicas* II, 109 (*nec uero terrae ferre omnes omnia possunt*- “nem, na verdade, todas as terras podem produzir de tudo”- trad. nossa). No contexto original, como explica o filólogo, essa frase se referia às árvores e aos terrenos donde brotam. Contudo, Columela a retoma em *De re rustica* VII, 2, 2 para referir-se a um tipo de produto diferente: ou seja, aos rebanhos e às regiões onde prosperam. Isso indica, nas mãos do “agrônomo”, como que um descolamento dos dizeres virgilianos de um tópico técnico bastante específico para, potencialmente, muitos outros.

Na continuidade do processo de ilustrar tais subtipos de incorporação do legado virgiliano a esse tratado, Cossarini registra que Columela (2):

utiliza *Geórgicas* III 322-38, substituindo os vv. 322-23 por breves palavras introdutórias, omitindo o 328- não essencial ao discurso-, substituindo os vv. 330-31 com uma junção em prosa e assim também o 335, e enfim pondo de lado o último, o 338, não indispensável à clareza do todo. O que resulta disso é um discurso incisivo e denso pelos conteúdos técnicos, autoridade e estilo. Em VII 4,6, porém, ensinando como livrar o estábulo das serpentes, recorre a *Geórgicas* III 414-24, omitindo a parte compreendida entre a segunda metade do v. 418 e a primeira metade do 420, e a parte final depois do *deice* do v. 422. Salientam-se o *disce* inicial, o *cape* da retomada e o *deice* final, que dão um ritmo particularmente denso e sentencioso ao discurso inteiro. (COSSARINI, 1977, p. 236-237, trad. nossa).¹⁵

¹⁴ Cossarini, 1977, p. 235, trad. nossa: “... accoglie infine il testo nella sua integrità formale e di significato per elevare il tono della pagina”.

¹⁵ Cossarini, 1977, p. 236-237, trad. nossa: “... utilizza *Georg.* III 322-38, sostituendo i vv. 322-23 con brevi parole introduttive, omettendo il 328 non essenziale al discorso, sostituendo i vv. 330-31 con un collegamento in prosa e così pure il 335, ed infine tralasciando l’ultimo, il 338, non indispensabile alla chiarezza dell’insieme. Quello

Por fim, (3) a derradeira modalidade da mesma incorporação pode ser divisada em *De re rustica* II, 8, 3, quando, depois de abordar terrenos úmidos, pobres, frios ou sombreados, (especificamente dizendo que, neles, semeiam os cereais antes das Calendas de outubro), o “agrônomo” acrescenta, de *Geórgicas* I, 214, *dum sicca tellure licet, dum nubila pendent*- “enquanto se pode na terra seca, enquanto hesitam as nuvens”. Com isso, na opinião de Cossarini (1977, p. 238), a passagem ganharia em poeticidade. *Mutatis mutandis*, em *De re rustica* VI, 27, 5, ocorre citação de *Geórgicas* III, 266-275, “que, com o dinamismo da cena e a vigorosa vitalidade das imagens dos cavalos, alarga o fôlego da página” (COSSARINI, 1977, p. 239, trad. nossa).¹⁶ No todo, então, esses três modos de incorporação de Virgílio superam a função meramente técnica das duas obras envolvidas e atestam, de novo, as preocupações de Columela com a escrita literária de seu texto.

Os leitores do *De re rustica*, por outro lado, recordam-se de que o “agrônomo” declara compor o livro X dessa obra, em hexâmetros datílicos, primeiro para atender a uma solicitação de Públio Silvino, seu amigo e dedicatário do texto;¹⁷ ademais, como se pode ler em seguida na introdução

che ne risulta è un discorso incisivo e serrato per contenuti tecnici, autorità e stile. In VII 4, 6 invece, insegnando come liberare la stalla dai serpenti, fa ricorso a *Georg.* III 414-24, omettendo la parte compresa fra la seconda metà del v. 418 e la prima metà del 420, e la parte finale dopo il *deice* del v. 422. Ne risaltano il *disce* iniziale, il *cape* della ripresa ed il *deice* finale, che danno un ritmo particolarmente serrato e sentenzioso all’intero discorso” (trad. nossa).

¹⁶ Cossarini, 1977, p. 239: “... che col dinamismo della scena e la vitalità vigorosa dell’immagine dei cavalli, allarga il respiro della pagina”.

¹⁷ Columela, *De re rustica* X (introdução): *Faenoris tui, Siluine, quod stipulanti sponponderam tibi, reliquam pensiunculam percipe. Nam superioribus nouem libris hac minus parte debitum, quod nunc persoluo, reddideram. (...) Quare cultus hortorum, quorum iam fructus magis in usu est, diligentius nobis, quam tradidere maiores, praecipendus est: isque, sicut institueram, prosa oratione prioribus subnecteretur exordiis, nisi propositum meum expugnasset frequens postulatio tua, quae praecepit, ut poeticis numeris explerem Georgici carminis omissas partes, quas tamen et ipse Vergilius significauerat posteris se memorandas relinquere.*- “Recebe, oh Silvino, a pequena restante quota do capital por ti e por mim prometido, pois que nos precedentes nove livros descontei, com exceção desta parte, a dívida que agora saldo. (...) É por isso que a cultura das hortas, sendo seus produtos mais usados, deve ser por nós melhor

ao mesmo livro, essa iniciativa de escrita é justificada como espécie de retomada de algo que o próprio Virgílio, um dia, deixara inconcluso: ou seja, dedicar-se a desenvolvimentos técnicos sobre a horticultura.

Na verdade, depois de elaborar, em *Geórgicas* IV, 125-148, a digressão do Velho corício- antigo pirata (PERKELL, 1981, p. 170), talvez, pelo tempo mudado em pacato e próspero cultivador de um jardim-, Virgílio eximiu-se de ensinar o cultivo de flores e plantas hortenses, alegando “falta de espaço” para tanto (v. 147).¹⁸ Ele, ainda, delega aos pósteros essa incumbência, o que foi, na prática, posto em curso por Columela em *De re rustica* X.

De fato, o tópico da horticultura e/ou cultivo de flores poderia ser visto como meramente “acessório” em um contexto semelhante àquele de *Geórgicas* IV, no qual o foco central diz respeito a preceitos sobre os cuidados com as abelhas, não sobre plantas. Além disso, os dois primeiros livros das *Geórgicas* se ocupam de assuntos vegetais- lavoura e arboricultura- e os dois derradeiros focalizam temas animais- pecuária e apicultura-, de modo que qualquer desenvolvimento maior sobre as plantas em um livro como o quarto quebraria o delicado equilíbrio da *dispositio* temática nesse poema didático. Mas também deve ter pesado, na decisão de Virgílio de “cortar caminho” diante do tópico botânico em pauta, o próprio aspecto da “modesta” extensão desse livro IV, o qual, como os demais do poema em que se encaixa, não foi concebido para afastar-se muito da quantia de quinhentos versos.¹⁹

Sem ter de haver-se com questões de equilíbrio poético à maneira alexandrina (UREÑA PRIETO, 2001, p. 34-35), Columela encontrou,

ensinada do que pelos antigos nos foi transmitida; e este tratado, como eu o havia traçado, em prosa, devia eu juntar aos precedentes, se vencido não tivesse sido o meu propósito por teus solícitos pedidos que conseguiram que eu completasse em poética metrificação as partes do poema geórgico deixadas, o que, porém, o mesmo Virgílio recomendou aos pósteros escrever” (trad. L. Granato).

¹⁸ Virgílio, *Geórgicas* IV, 147-148, trad. nossa: *Verum haec ipse equidem spatiis exclusus iniquis/praetereo atque aliis post me memoranda relinquo.*- “Na verdade, eu mesmo, fechado em espaço estreito, omito/essas coisas e deixo para outros lembrarem depois de mim”.

¹⁹ Na verdade, o livro I das *Geórgicas* contém 514 versos; o livro II, 542 versos; o livro III, 566 versos; o livro IV, 566 versos.

ao longo dos quatrocentos e trinta e nove versos do livro X de sua obra, justo espaço para a abordagem dos assuntos que contém, sobretudo se levarmos em conta a alentada extensão do *De re rustica* inteiro e o fato de aquele se encaixar entre um livro IX cujo tema é a apicultura e um livro XI cujo terceiro capítulo retoma, em prosa, tópicos hortenses (AGUILAR, 2006, p. 273).

No percurso compositivo do mesmo livro X, além de aludir textualmente a passagens das *Geórgicas*- como na abertura do poema,²⁰ em que evoca a *propositio* da obra de Virgílio, e em seu término,²¹ no qual a ascendência hesiódica do vate de Mântua é lembrada-, Columela põe em prática procedimentos, antes, de pleno uso no antecessor. Referimo-nos,

²⁰ Columela, *De re rustica* X, 1-5 e Virgílio, *Geórgicas* I, 1-4: *Hortorum quoque te cultus, Siluine, docebo,/atque ea, quae quondam spatiis exclusus iniquis,/cum caneret laetas segetes et munera Bacchi,/et te, magna Pales, necnon caelestia mella,/Vergilius nobis post se memoranda reliquit.*- “Das hortas ainda te mostrarei, Silvino, as culturas e os detalhes, que já dantes, enquanto as alegres messes e os dons de Baco cantava a ti, grande Pales, e o mel celeste, Virgílio, a nós estranhos às angustas metas, de tratar depois de si recomendou” (trad. L. Granato)./*Quid faciat laetas segetes, quo sidere terram/uertere, Maecenas, ulmisque adiungere uitis/conueniat, quae cura boum, qui cultus habendo/sit pecori, apibus quanta experientia parcis,/hinc canere incipiam.* (...) - “O que torna as searas férteis, sob qual astro a terra/lavrar, Mecenas, e unir aos olmos a vinha/convém, que cuidado aos bois, que manejo há/ao ter rebanhos, quanto saber nas frugais abelhas,/daqui a cantar começarei. (...)” (trad. nossa). Como explica Lourenço Granato em nota *ad locum* à sua tradução do livro X do *De re rustica* de Columela, nos versos transcritos aqui Columela “lembra o assunto das *Geórgicas* e que o mesmo Virgílio resumia nos primeiros versos do seu poema” (COLUMELA, 1925, p. 53).

²¹ Columela, *De re rustica* X, 433-436 e Virgílio, *Geórgicas* II, 175-176: *Hactenus hortorum cultus, Siluine, docebam,/siderei uatis referens praecepta Maronis,/qui primus ueteres ausus recludere fontes/Ascraeum cecinit Romana per oppida carmen.*- “Até aqui a cultura das hortas te ensinei, Silvino, seguindo as normas de Maro, vate celeste, que ousou abrir as antigas fontes, e que cantou primeiro, entre cidades romanas, ascreu carne” (trad. L. Granato)./*Ingredior, sanctos ausus recludere fontis,/Ascraeumque cano Romana per oppida carmen.*- “Adentro, tendo ousado abrir fontes sagradas,/e canto ascreu poema entre cidades romanas” (trad. nossa). O poeta grego Hesíodo (séc. VIII-VII a.C.), autor da *Teogonia* e d’*Os trabalhos e os dias* e “pai” da poesia didática antiga (sendo, nesse quesito, modelo de Virgílio), nascera na aldeia Beócia de Ascra.

especialmente, às aproximações do reino vegetal com outros domínios da natureza,²² bem como ao emprego da mitologia:

Apenas o Oceano, apenas Netuno levou por afagos, este Anfitriote e aquele a sua Tétis, e já paridos ambos oferecem aos azulados maridos os filhos, enchendo o mar de nadadores. O pai dos deuses, sob falso aspecto tendo deixado o raio, imita, pela filha de Acrísio, seus antigos amores e no seio da terra com torrencial chuva se insinua. E a mãe também já não esquiva os amores do filho e deseja a terra o matrimonial laço comporta. Agora o mar, agora os montes e agora tudo, em breve dizer, do que há no mundo é a primavera. E agora o desejo e o amor que desperta no coração do homem e dos rebanhos e das aves e, dentro das medulas ardendo, se agita até que satisfeita Vênus encha os fecundos membros, várias progênes produza e de nova prole sempre tenha povoado o mundo que não entorpeça em ociosa idade. (COLUMELA, *De re rustica* X, 200-214, trad. de L. Granato).²³

²² Columela, *De re rustica* X, 389-393 e Virgílio, *Geórgicas* IV, 121-122: *Liuidus at cucumis, grauida qui nascitur aluo/hirtus et ut coluber nodoso gramine tectus/uentre cubat flexo, semper collectus in orbem,/noxius exacuit morbos aestatis iniquae./Fetidus hic succo, pingui quoque semine fartus.*- “Mas o pepino escuro, muito engrossado, hirtos, e de ventre como cobra arcado, reunido, amontoado em roda; invadido de gramíneas nodosas no solo jaz: e da estiagem adversa acresce os males: ele tem fétido caldo e viscosas sementes de que é cheio” (trad. L. Granato)./ *Et uirides apio ripae, tortusque per herbam/cresceret in uentrem cucumis; (...)*- “E verdejam margens com aipo, e, pela relva retorcido,/o pepino aumentava o seu ventre; (...)” (trad. nossa).

²³ Columela, *De re rustica* X, 200-214, trad. L. Granato: *Nunc pater aequoreus, nunc et regnator aquarum,/ille suam Tethyn, hic pellicit Amphitriten,/et iam caeruleo partus enixa marito/utraque nunc reserat pontumque natantibus implet./Maximus ipse deum posito iam fulmine fallax/Acrisioneos ueteres imitatur amores,/inque sinus matris uiolento depluit imbre./Nec genitrix nati nunc aspernatur amorem,/sed patitur nexus flammata cupidine tellus./Hinc maria, hinc montes, hinc totus denique mundus/uer agit: hinc hominum pecudum uolucrumque cupido,/atque amor ignescit menti saeuitque medullis,/dum satiata Venus fecundos compleat artus,/et generet uarias soboles semperque frequentet/prole noua mundum, uacuo ne torpeat aeuo.*

Nessa passagem de tons primaveris e cujo vocabulário se assemelha ao do “Hino a Vênus” lucreciano (*De Rerum Natura* I, 1-43), Columela cessa, por instantes, a estrita preceituação sobre as plantas e destaca a chegada de abril como tempo especialmente propício não só à fecundidade na terra (v. 204-206), mas ainda àquela no mar (v. 200-203)²⁴ e no “ar” (v. 210). No primeiro caso, o “agrônomo” refere os amores de Júpiter com Dânae²⁵ e com a própria Terra;²⁶ no outro, menciona sutilmente as relações de Oceano e/ou Netuno com suas respectivas parceiras. Ela ainda, com sua função de “quebra” momentânea do curso de horticultura, poderia ser vista como equivalente estrutural dos “painéis mítico-narrativos”²⁷ encontráveis nas *Geórgicas* e em muitos outros poemas didáticos anteriores ao livro X do *De re rustica* columeliano. Por sinal, uma conhecida digressão/painel de Virgílio (*Geórgicas* II, 136-176), a das *Laudes Italiae*, já apresentara essa península, especificamente, ao modo de uma região dotada de “eterna primavera” (*uer adsiduom*, v. 149-150) e muito fértil em searas, rebanhos, arvoredos, guerreiros etc.

²⁴ Anfitrite, esposa de Netuno, no começo recusara o casamento com aquele deus. No entanto, acabou sendo persuadida por um golfinho a fazer esse enlace (COMMELIN, 1983, p. 103). Tétis, por sua vez, era filha do Céu e da Terra e casou-se com Oceano, com o qual procriou muitos filhos; seu carro era uma concha puxada por cavalos marinhos (COMMELIN, 1983, p. 101-102).

²⁵ Dânae era a filha do rei de Argos, Acrísio, e de Eurídice; era, além disso, mãe de Perseu, com o qual foi lançada pelo pai ao mar, em uma arca, porque um oráculo predissera ao rei que esse neto, um dia, haveria de matá-lo. No entanto, mãe e filho se salvaram por intervenção divina, pois Perseu era filho de Zeus, que engravidou sua mãe ao cair, nela, sob a forma de chuva de ouro (GRIMAL, 1963, p. 361).

²⁶ Veja-se, para o emprego de uma imagem semelhante, Virgílio, *Geórgicas* II, 325-327, trad. nossa: *Tum pater omnipotens fecundis imbribus Aether/coniugis in gremium laetae descendit, et omnis/magnus alit magno commixtus corpore fetus.*- “Então o Pai Éter onipotente, com chuvas fecundas/desce ao seio da alegre esposa, e todas/as crias alimenta, misturado com grande corpo”.

²⁷ Toohey, 1996, p. 4, trad. nossa: “Included within the narrative are normally a number of illustrative panels. These are often based upon mythological themes”.- “Normalmente, no bojo da narrativa, há uma série de painéis ilustrativos. Estes são amiúde baseados em temas mitológicos”.

2 A incorporação de Virgílio em Paládio

2.1 Questões gerais

Praticamente desprovidos, sobre Rutilio Tauro Emiliano Paládio, de informações que não advenham de sua obra, poderíamos afirmar com alguma segurança, apenas, a provável origem gaulesa dessa personagem (BRODERSEN, 2016, p. 10-11), bem como o fato de ter ele tido propriedades na Sardenha (IV, 10, 16 e XII, 15, 3), na Itália- em imediações de Roma ou não (IV, 10, 24 e III, 25, 1)-, e mesmo em lugares ditos “frios” (IV, 10, 15 e VIII, 3, 2). Segundo Fitch (2013, p. 11), os manuscritos desse tratado o chamam *uir inlustris*, um título cujo emprego remonta apenas à segunda metade do séc. IV d.C. e que indicou, em princípio, somente homens muito bem situados no Senado romano.

Os dizeres contidos em *Opus agriculturae*, muitas vezes, dão a entender que ele teria sido um homem dotado de saberes rústicos inclusive pelo contato *in loco* com as práticas do campo.²⁸ Mas não se descartam, evidentemente, as fontes escritas de que o “agrônomo”, em grande parte, ter-se-ia servido a fim de documentar-se para a escrita do *Opus agriculturae*:

Além de sua própria experiência agrícola, Paládio baseia-se principalmente em três autoridades. Para as culturas arvenses, incluindo vinhas e azeitonas, e para a criação de animais, ele recorre a Columela, que escreveu no primeiro século d.C. Como sua fonte principal sobre hortos e árvores frutíferas, Paládio emprega Gargílio Marcial, que escreveu no século III; visto que essas obras de Marcial são agora, em grande parte, perdidas, Paládio oferece indicações valiosas sobre seu conteúdo. Terceiro, para assuntos mais exóticos,

²⁸ Paládio, *Opus agriculturae* II, 13, 8, trad. nossa: *Illud experimentis adsiduis comprehendí, uites melius prouenire, si uel statim fossae terrae uel non longe ante pangantur, cum tumor pastini nondum repetita soliditate subsedit.*- “Eu o compreendi tentando muitas vezes: as vinhas brotam melhor se forem plantadas na terra logo que escavada ou não muito antes, quando o volume da lavra ainda não se abaixou, retomando sua solidez”.

como receitas de vinhos aromatizados, Paládio baseia-se em uma compilação de informações agrícolas do escritor grego do séc. IV, Anatólio de Beirute. (FITCH, 2013, p. 13, trad. nossa).²⁹

Posicionando-se a respeito do mesmo tópico das fontes de Paládio, Armendáriz (1995, p. 45) se colocou em harmonia com tais palavras de Fitch: o estudioso espanhol, assim, nota que esse escritor *rerum rusticarum*, é provável, não teria recorrido com fins documentais às obras supracitadas de Catão e Varrão; tampouco, em regra, apontam-se “ecos” mais substanciais, em *Opus agriculturae*, das obras “agronômicas” de Magão cartaginês³⁰ e das próprias *Geórgicas* de Virgílio, apesar, no último caso, das buscas de Martin (1976, p. XXXVI-XXXVIII).

Como dissemos, depois de um livro inicial, que contém preceitos de ordem geral a respeito da lida do campo- determinação e escolha dos tipos de solo, edificações rústicas, plantio e enxertia etc.-, segue-se, no tratado paladiano, a distribuição dos conteúdos em ordem cronológica, dos meses de janeiro a dezembro (um livro para cada mês). O livro XIV da obra identifica-se com preceitos de ordem veterinária, enquanto o livro XV corresponde a um pequeno poema- *Carmen de insitionibus*, em cento e setenta versos- com abordagem de técnicas de enxerto arbóreo. Sem grande “originalidade” no quesito das doutrinas que veicula, sendo, antes, uma espécie de súmula dos saberes presentes nos “agrônomos” mais

²⁹ Fitch, 2013, p. 13, trad. nossa: “In addition to his own farming experience, Palladius draws chiefly on three authorities. For field crops, including vines and olives, and for animal husbandry he relies on Columella, who wrote in the first century AD. And his chief source on vegetable gardens and fruit trees, Palladius uses Gargilius Martialis, who wrote in the third century; since these works of Martialis are now largely lost, Palladius gives us valuable indications of their content. Third, for more exotic material such as recipes flavoured wines, Palladius draws on a compilation of agricultural information by the fourth-century Greek writer Anatolius of Beirut”.

³⁰ Magão cartaginês, por vezes considerado o maior “agrônomo” da Antiguidade (550-500 a.C.), compôs em púnico uma verdadeira “enciclopédia” sobre as artes rurais, a qual teria sido traduzida para o latim por iniciativa do Senado de Roma em meados do século II a.C. (ROBERT, 1985, p. 18-19).

utilizados por Paládio, o *Opus agriculturae* apresentava a vantagem de poder ser facilmente manuseado por fazendeiros, ao longo das sucessivas estações (DE ANGELIS, 1997, p. 78).

Essa face prática da obra, ademais, reflete-se na autodeclarada (mas relativa) “simplicidade” linguística do texto paladiano:

Da afirmação inicial do autor (I, 1) de que para instruir os agricultores é preciso evitar os artificios da retórica, deduz-se uma crítica direta ao estilo de Columela e a vontade de retornar à língua técnica tradicional da agronomia latina desde Catão. Essa sujeição às regras do gênero tradicional explica suas características mais marcantes: clareza, concisão e até, com uma correção bastante generalizada, a admissão contida de alguns coloquialismos-vulgarismos. Mas, por outro lado, a influência de seu modelo Columela e de sua formação literária, como indica seu *Carmen de insitionibus*, trai sua intenção, o que pode explicar a presença em sua obra daquela retórica que ele rejeita (*uariatio*, figuras retóricas, cláusulas rítmicas, etc.). (CARTELLE, 2007, p. 798, trad. nossa).³¹

Em contraste com Columela, seu principal modelo (ARMENDÁRIZ, 1995, p. 45-46), Paládio não concedeu tão óbvio ou disseminado relevo ao legado das *Geórgicas* em seu tratado, o que talvez se possa interpretar como sinal dos contornos, até certo ponto, diretamente referenciais de sua obra. Isso não significa, porém, como comentaremos

³¹ Cartelle, 2007, p. 798, trad. nossa: “De la manifestación inicial del autor (I, 1) de que para instruir a los agricultores hay que evitar los artificios de la retórica se deduce una crítica directa al estilo de Columela y la voluntad de volver a la lengua técnica tradicional en la agronomía latina desde Catón. Esta sujeción a las reglas del género tradicional da cuenta de sus características más acusadas: claridad, concisión e incluso, dentro de una corrección bastante generalizada, la admisión comedida de algunos coloquialismos-vulgarismos. Más por otro lado el influjo de su modelo Columela y su formación literaria, como indica su *Carmen de insitionibus*, traicionan su intención, lo que puede explicar la presencia en su obra de esa retórica que rechaza (*uariatio*, figuras retóricas, cláusulas rítmicas etc.)”.

na seção seguinte do artigo, que nada se deva a esse poeta didático no *Opus agriculturae*.

2.1.1 Paládio e Virgílio

No exame dos modos de incorporação das *Geórgicas* em uma obra como o tratado de Paládio, propomos hipoteticamente que haja ao menos duas formas para sua ocorrência. A primeira corresponderia ao que chamamos de “etiquetagem” e diz respeito, evocando-se o nome do predecessor técnico em jogo,³² a referir explicitamente os conteúdos do poema de Virgílio. Nesse caso, a citação feita às *Geórgicas* (II, 71-72) se coloca, praticamente, em similaridade funcional com aquelas de outro(s) autor(es) técnico(s) também “ecoado(s)”:

Mas, *conforme diz Columela*, são mais vigorosas as [árvore frutíferas] que se plantam por suas sementes, ou seja, pelos caroços, do que as que com mudas ou ramos. Sendo mais seca a região, auxiliem-se molhando. (PALÁDIO, *Opus agriculturae* III, 19, 3, trad. e grifos nossos).³³

Nos meses de fevereiro e março, a pereira é enxertada como se disse ao falar da enxertia, sob o córtex e no tronco. Mas se enxerta com pereira silvestre e macieira, conforme alguns; com amendoeira e espinheiro, *conforme Virgílio*; com freixo florido; com freixo e marmeleiro, conforme outros, e com romãzeira (mas na madeira rachada). (PALÁDIO, *Opus agriculturae* III, 25, 7, trad. e grifos nossos).³⁴

³² Ou o nome de sua obra (como em *Opus agriculturae* XIV, 30, 9-10- em que se fala em um *Georgicum carmen* / “poema Geórgico”, havendo em seguida a transcrição de versos referentes a *Geórgicas* III, 453-454, além de III, 459-460, com fins de fundamentação técnica para o autor).

³³ Paládio, *Opus agriculturae* III, 19, 3, trad. e grifos nossos: *Sed, ut Columella dicit, feraciores sunt, quae seminibus, hoc est, nucibus suis, quam quae plantis ponuntur aut ramis. Vbi regio siccior est, aquationibus adiuventur* (trad. e grifo nossos).

³⁴ Paládio, *Opus agriculturae* III, 25, 7, trad. e grifos nossos: *Mense Februario et Martio pirus inseritur more, quo dictum est, cum de insitionibus loqueremur, sub cortice et in trunco. Inseritur autem piro agresti, melo, ut nonnulli, amygdalo et spino, ut Vergilius, orno et fraxo et cydoneo, ut aliqui, et Punico sed fisso ligno.*

Assim, desejoso de expandir e variar seus preceitos sobre certos detalhes da lida rústica que aborda, Paládio remete-se inclusive a Columela e Virgílio, com o que as palavras complementares e alheias, sendo trazidas para o bojo do *Opus agriculturae*, podem exibir claras marcas de sua proveniência. Apesar de essa descrição recobrir as duas citações acima, a rigor entendemos, pelos trechos citados, que a anuência às palavras de Columela é maior, enquanto, no caso daquelas de Virgílio, não se sabe até que ponto Paládio se apropria delas. Contribui para essa última impressão, além da falta de comentários contextualmente favoráveis ou desfavoráveis ao autor das *Geórgicas*, ter sido a referência a tal obra como que diluída junto à menção a “outros” (inominados) autores *rerum rusticarum*.

A outra forma de “recuperação” do legado virgiliano em *Opus agriculturae*, mais sutil, evoca certo mecanismo aventado por Cairns (1989, p. 194-195, trad. nossa), num ensaio a respeito da estrutura “odisseica” da *Eneida*. O crítico, dessa maneira, explica nem sempre se dar a retomada de um modelo poético imediato com a reprodução fidelíssima de seus traços pelo autor que o retoma. Pode inclusive ocorrer, no processo, reintrodução de traços compositivos oriundos do referencial prévio desse modelo, os quais foram, antes, preteridos:

Estudos recentes mostraram que este mecanismo, pelo qual um escritor mostra sua consciência do modelo de seu modelo, introduzindo algo daquele modelo final não presente no modelo mais imediato em sua própria imitação de seu predecessor mais próximo, é a prática romana padrão: tem sido recentemente demonstrado *in extenso* para Ovídio e para o próprio Virgílio, em suas *Geórgicas e Eneida*.³⁵

Na *Eneida*, então, o protagonista tem uma busca (da Itália), assim como Jasão, das *Argonáuticas*, tinha a sua (o velocino de ouro).

³⁵ Cairns, 1989, p. 195, trad. nossa: “Recent scholarship has shown that this device, whereby a writer shows his awareness of his model’s model by introducing something from that ultimate model not present in the more immediate model into his own imitation of his nearer predecessor, is standard Roman practice: it has recently been demonstrated *in extenso* for Ovid, and for Virgil himself in his *Georgics* and *Aeneid*”.

Mas, apesar de imitar Apolônio de Rodes em muitos pontos, inclusive na caracterização de Eneias, Virgílio “olha através dele” para a *Odisseia*, o primeiro modelo para as *Argonáuticas* também; desse modo, a busca de Eneias passa a ser, sintomaticamente, por uma “terra mãe”,³⁶ assim como a de Odisseu (ou seja, o objeto da busca e a “chegada à casa” coincidem no caso de Odisseu e Eneias, não no de Jasão). Ele, ainda, é uma espécie de “herói indeciso” entre os cantos I e IV da *Eneida*, da mesma forma que um mais fraco Jasão. Mas, com o prosseguimento da narrativa, adquire traços mais fortes e decididos, assim como são aqueles de Odisseu, sobretudo quando chega a Ítaca e precisa atacar os pretendentes, vencendo-os, ou sair em derrota absoluta (CAIRNS, 1989, p. 196).

Ora, quando se olha, em *Opus agriculturae*, para o livro XV/ *Carmen de insitionibus*, tem-se primeiro a impressão de essa parcela da obra paladiana ter como modelo o livro X do *De re rustica* de Columela. Apesar, assim, da troca dos hexâmetros pelos dísticos elegíacos neste caso, a própria estrutura desse livro, em que se seguem os versos a uma introdução em prosa, contendo ela sempre a apresentação do(s) tema(s), a referência ao(s) dedicatário(s) (respectivamente, Públio Silvino³⁷ e Pasifilo) e a termos financeiros,³⁸ pedidos de desculpas variados etc. parece conduzir a semelhante leitura. Além disso, o fato, como temos comentado, de a obra de Columela ter um peso tão fundamental para esse epígono ao longo de todo o *Opus agriculturae* naturalmente leva a pensar que, até o término- o *Carmen de insitionibus*, de fato, fecharia esse tratado como livro derradeiro-, os referenciais atinentes ao *De re rustica* lograram impor-se a Paládio.

³⁶ Dárdano, ascendente longínquo de Eneias, era uma personagem lendária originária da Etrúria, na Itália, tendo emigrado para a Ásia, onde seus descendentes fundaram Troia (REED, 2007, p. 10). Nesse sentido, quando a frota de Eneias procura alcançar a Itália no Ocidente, é uma espécie de “terra mãe” ou ponto de partida que os sobreviventes troianos buscam.

³⁷ Veja-se *supra* nota 17.

³⁸ Paládio, *Opus agriculturae* X (introdução), trad. nossa: *AD PASIPHILVM VIRVM DOCTISSIMVM: Habes aliud indultae fiduciae testimonium. Pro usura temporis hoc opus de arte insitionis adieci.*- “A PASIFILO, VARÃO MUITO DOUTO: Tens aqui outro testemunho da confiança que lhe concedi. Para pagar os juros do tempo decorrido, juntei este poema sobre os enxertos”.

No entanto, essa confluência estrutural entre o livro XV do *Opus agriculturae* e o livro X do *De re rustica* obviamente não encontra paralelos no âmbito temático, preenchendo-os, sabemos, ora conteúdos vinculados a enxertos arbóreos, ora preceitos de horticultura. De todo modo, como Virgílio abordara *en passant*, em *Geórgicas* II, 69-82,³⁹ o mesmo conteúdo dos enxertos, consideramos que Paládio, com adesão ao esquema de retomada indireta de modelos (como explicado acima por Cairns) e ciente da “fonte” poética do livro X de Columela, o “ecoa” retomando tematicamente o modelo de seu principal modelo. De fato, nada parece haver, no livro columeliano em jogo, que possa substancialmente evocar a abordagem do tópico técnico da enxertia, inclusive porque as espécies hortenses que incorpora- cebolas, pepinos, rosas, papoulas...- não a admitiriam, com fins reprodutivos.

3 Conclusão

Esses breves comentários devem ter permitido compreender importantes pontos em nexos com a natureza da literatura técnica antiga ou, especificamente, a respeito dos modos de incorporação das *Geórgicas* de Virgílio pelos respectivos tratados de Columela e Paládio. Sobre o primeiro ponto, sendo *variadas e fluidas* as maneiras de realização genérico-formal

³⁹ Virgílio, *Geórgicas* II, 69-82, trad. nossa: *Inseritur uero et fetu nucis arbutus horrida, / et steriles platani malos gessere ualentis, / castaneae fagos; / ornusque incanuit albo / flore piri glandemque suos fregere sub ulmis. / Nec modus inserere atque oculos imponere simplex. / Nam qua se medio trudunt de cortice gemmae / et tenuis rumpunt tunicas, / angustus in ipso / fit nodo sinus: huc aliena ex arbore germen / includunt udoque docent inolescere libro. / Aut rursus enodes trunci reseantur; / et alte / finditur in solidum cuneis uia, / deinde feraces / plantae immittuntur: nec longum tempus, / et ingens / exiit ad caelum ramis felicibus arbor, / miratastque nouas frondes / et non sua poma.*- “Enxerta-se, de fato, o medronheiro eriçado com o rebento da noz, / plátanos estéreis deram vigorosas macieiras; / castanheiras, faias; o freixo branquejou com a alva / flor da pereira e porcos quebraram bolotas sob olmos. / Nem é uno o modo de inserir e de dispor os olhos. / Com efeito, onde os gomos se projetam do meio do córtex / e rompem envoltórios, no próprio nó se faz / estreita fenda; ali, o germe de árvore estranha / fecham e ensinam a crescer na úmida cortiça. / Ou, de novo, cortam-se troncos sem nós e fundo / na madeira é aberta via com cunhas, depois brotos / vigorosos se inserem; não demora e enorme / árvore vai ao céu com férteis ramos, / admirando folhagem nova, não os seus frutos”.

das obras técnicas na Antiguidade, segundo dissemos, há vários indícios nesses tratados- ou em outros- de que seus autores tiveram no poema de Virgílio algum referencial de conteúdo e/ou forma ao comporem os próprios textos. Columela e Paládio, inclusive, não dispensam o emprego da poesia em meio à sua prosa, com fins de transmissão de saberes em âmbitos como a horticultura e os enxertos de plantas.

Por outro lado, se a incorporação do mesmo legado virgiliano parece bem mais intensa e difundida em Columela, também não deve ser de todo negada no *Opus agriculturae* do epígono, não só porque ele eventualmente o citou, mas inclusive porque o livro XV dessa obra pode ser visto ao modo de um construto no qual se combinam traços do livro X do *De re rustica* com outros de *Geórgicas* II. Assim se mitiga, portanto, a ideia segundo a qual nada de “literário” existe no meramente “prático” Paládio (CARTELLE, 2007, p. 798), pois o próprio Virgílio, em suas obras, recorreu a jogos complexos com modelos.

Referências

AGUILAR, D. P. *El panorama literario técnico-científico en Roma (siglos I-II d.C.)*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2006.

ANDRÉ, J.-M. Littérature technique et héritage de la rhétorique cicéronienne chez Columelle. *Ktema*, Strasbourg, n. 14, p. 255-272, 1989.

ARMENDÁRIZ, J. I. G. *Agronomía y tradición clásica: Columela en España*. Sevilla: Universidad de Sevilla: Universidad de Cádiz, 1995.

BRODERSEN, K. Einführung. In: PALLADIUS. *Das Bauernjahr*. Herausgegeben und übersetzt von Kai Brodersen. Berlin: Walter de Gruyter, 2016, p. 9-34.

CAIRNS, F. The *Aeneid* as *Odyssey*. In: CAIRNS, F. *Virgil's Augustan Epic*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 177-214. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511597336.009>.

CARTELLE, E. M. Prosa técnica no gramatical. In: CODOÑER, C. (org.). *Historia de la literatura latina*. Madrid: Cátedra, 2007, p. 795-810.

COLUMELA. *Columela e o seu livro* Cultura das hortas. Trad. L. Granato. São Paulo: Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925.

COLUMELLA. *On agriculture X-XII: On trees*. With an English translation by E. S. Forster and Edward H. Heffner. London: Harvard University Press, 1968.

COMMELIN, P. *Nova mitologia grega e romana*. Trad. T. Lopes. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

CONTE, G. B. *Latin Literature: A History*. Translated by Joseph Solodow. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

COSSARINI, A. Aspetti di Virgilio in Columella. *Prometheus*, Firenze, anno III, n. 3, p. 225-240, 1977.

DE ANGELIS, A. La coltivazione delle piante da frutto: un'occasione di rilettura dei testi agronomici latini. *Quaderni Urbinati di Cultura Classica*, Pisa, v. 55, n. 1, p. 71-88, 1997. DOI: <https://doi.org/10.2307/20547374>.

DOODY, A. Virgil the Farmer? Critiques of the *Georgics* in Columella and Pliny. *Classical Philology*, Chicago, v. 102, n. 2, p. 180-197, April 2007. DOI: <https://doi.org/10.1086/523737>.

FITCH, J. G. Introduction. In: PALLADIUS. *The Work of Farming (Opus Agriculturae)*. A new translation from the Latin by J. G. Fitch. Devon: Prospect Books, 2013.

GRIMAL, P. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.

KANAVOU, N. *Aristophanes' Comedy of Names: A Study of Speaking Names in Aristophanes*. Berlin: Walter de Gruyter, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110247077>.

LAURENTI, R. Introduzione. In: ARISTOTELE. *I frammenti dei dialoghi*. A cura di R. Laurenti. Napoli: Loffredo Editore, 1987, p. 41-73. t. I.

LVCRETIVS. *De Rerum Natura libri sex: Recognouit breuique adnotatione critica instruxit Cyrillus Bailey*. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 2009.

MARTIN, R. Introduction. In: PALLADIUS. *Traité d'agriculture*. Texte établi, traduit et commenté par R. Martin. Paris: Les Belles Lettres, 1976, p. XXXVI-XXXVIII. livres I-II.

PALLADIUS. *Das Bauernjahr*. Herausgegeben und übersetzt von Kai Brodersen. Berlin: Walter de Gruyter, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110432138>.

PALMER, L. R. *The Latin language*. Norman: University of Oklahoma Press, 1988.

PERKELL, C. On the Corycian Gardener of Vergil's *Fourth Georgic*. *Transactions of the American Philological Association*, Baltimore, vol. 111, p. 167-177, 1981. DOI: <https://doi.org/10.2307/284127>.

PERUTELLI, A. O texto como professor. In: CAVALLO, G.; FEDELLI, P.; GIARDINA, A. (org.). *O espaço literário da Roma antiga*. Trad. D. P. Carrara e F. M. Moura. Belo Horizonte: Tessitura, 2010, p. 293-327. v. I.

REED, J. D. *Virgil's Gaze: Nation and Poetry in the Aeneid*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1515/9781400827688>.

ROBERT, J.-N. *La vie à la campagne dans l'Antiquité romaine*. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

THOMAS, R. F. Introduction. In: VIRGIL. *Georgics*. Edited by Richard F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 1-34. v. I. Books 1-2.

TOOHEY, P. *Epic Lessons: An Introduction to Ancient Didactic Poetry*. London: Routledge, 1996.

TREVIZAM, M. Du comique ou de la dramaticité aux dialogues champêtres de Varron et de Cicéron? *Mosaïque*, Lille, n. 9, p. 93-107, juillet 2013.

TREVIZAM, M. *Prosa técnica: Catão, Varrão, Vitruvius e Columela*. Campinas: Unicamp, 2014.

UREÑA PRIETO, M. H. *Dicionário de literatura grega*. Lisboa: Verbo, 2001.

VARRÃO. *Das coisas do campo*. Trad. introdução e notas de Matheus Trevizam. Campinas: Unicamp, 2012.

VIRGILE. *Géorgiques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

Recebido em: 03 de maio de 2021.

Aprovado em: 16 de junho de 2021.